



Referência - Revista de Enfermagem

ISSN: 0874-0283

referencia@esenfc.pt

Escola Superior de Enfermagem de

Coimbra

Portugal

Salgueiro, Nídia

Bissaya-Barreto, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra e Obra Médico-Social

Referência - Revista de Enfermagem, vol. III, núm. 1, julio, 2010, pp. 131-152

Escola Superior de Enfermagem de Coimbra

Coimbra, Portugal

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=388239960003>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Bissaya-Barreto, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra e Obra Médico-Social

Nídia Salgueiro*

Resumo

Um inusitado acontecimento leva a autora a relembrar a figura de Bissaya Barreto e a sua obra, revisitando “as suas preciosidades”, ou seja, documentos que possuía sobre tão ilustre Professor de Medicina, reputado cirurgião, grande humanista, filantropo e pedagogo, bem como, sobre a obra médico-social multifacetada a que consagra a sua vida, em favor da mãe e da criança, dos desprotegidos da sorte, atingidos pelos flagelos como a tuberculose, a lepra, que ceifam vidas e outros males que combate ferozmente. Incitada a escrever sobre o assunto, aceita o repto e ao mesmo tempo que vai relembrando acontecimentos que testemunhou, polémicas que leu nos jornais em sessenta anos de vida em Coimbra, começa a puxar o fio de Ariane, de forma a percorrer o complexo labirinto da informação, não com a pretensão de combater o Minotauro da ignorância, mas de dar algum contributo na compreensão de tão ilustre personalidade, indiscutivelmente ligada à Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.



FIG. 1 – Bissaya Barreto com as Insígnias Doutorais. Acervo fotográfico da ESEnfC.

* Enfermeira; Professora aposentada da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca.

Introdução

As Escolas Superiores de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca e de Bissaya Barreto fundiram-se para dar lugar à Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC), constituindo as estruturas físicas daquelas Escolas, respectivamente, os seus Pólo A e Pólo B. É possível que muitos estudantes e visitantes desta grande Escola ao verem o busto de Bissaya Barreto (como está identificado), à entrada do Pólo B, se interroguem sobre quem foi esta personalidade. Já no Pólo A, não existe idêntico estímulo à curiosidade, nem o nome de Ângelo da Fonseca resta na sua frontaria.

O Pólo A, localiza-se na Avenida muito justamente denominada Bissaya Barreto, nome que nem os agitados tempos do 25 de Abril conseguiram substituir. Também não faltam, felizmente, pela cidade demasiadas marcas a estimular este questionamento. Quanto ao Professor Doutor Ângelo Rodrigues da Fonseca, os estímulos para este questionamento são menores, visto que, as marcas da sua passagem terrena são hoje menos evidentes. É certo que ao entrarem na sala dos Directores, no Pólo A, lá está o seu retrato e pela sequência na sua ordenação, logo se aperceberão que foi o segundo Director; após aquele velhinho de barba branca, o Prof. Doutor António Augusto Costa Simões que criou e pôs em funcionamento, no dia 17 de Outubro de 1881, a Escola de Enfermeiros de Coimbra, a primeira do País e o embrião da Escola de Enfermagem dos Hospitais da Universidade de Coimbra, depois Ângelo da Fonseca/Escola Pós-Básica do Dr. Ângelo da Fonseca e Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca. Era uma modesta escola, criada a expensas do seu fundador, tendo, porém, o contributo de dois médicos amigos, o Dr. Ignacio Rodrigues da Costa e o Dr. Joaquim da Fonseca, que lecionaram, respectivamente, as disciplinas de Serviços de Enfermaria (*technica ou practica de enfermar doentes*) e de Tradução de Língua Francesa para Enfermeiros, a título gratuito, duas das quatro disciplinas do curso.

Em relação a Ângelo da Fonseca, dir-lhes-ão, certamente, que a este ilustre Cirurgião e Urologista se deve a oficialização da Escola de Enfermagem dos Hospitais da Universidade de Coimbra, em 1919, a segunda oficial do País, criando, com grande visão, dois níveis de Ensino: o Curso Elementar, que habilitava ao título e exercício de Enfermeiro e o

Curso Complementar que habilitava às funções de chefia e à categoria de Enfermeiro Chefe (Decreto n.º 6943). Neste âmbito esta escola foi pioneira. Talvez também recebam a informação de que foi um grupo de enfermeiros que solicitou directamente ao Senhor Presidente da República, aquando de uma visita aos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC), que aquela Escola passasse a designar-se Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca, em preito de gratidão, por lhes ter permitido uma Carreira de Enfermagem (Informação do Senhor Enf. José Pinto Teles, aquando do Centenário da EEAf). Tal veio a acontecer e foi consagrado pela Portaria 7001 de 8 de Janeiro de 1931.

Quanto ao Professor Doutor Fernando Baeta Bissaya Barreto Rosa, é bem sabido que fundou a Escola de Enfermagem de Bissaya Barreto (Portaria 231/1971 de 3 de Maio), presidindo à sua Comissão Instaladora, tendo como vogais o Dr. Viriato Namora, Enf. José Pinto Teles e a Enf. Delmina dos Anjos Moreira. Talvez não seja tão conhecido que foi professor da Escola de Enfermagem dos Hospitais da Universidade de Coimbra/Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca (de 1919, ano da sua oficialização, a 1957). As actas dos Conselhos Escolares e dos exames de passagem de ano e de Estado revelam que era um dos dois Professores desta Escola, sendo-lhe atribuída a regência do primeiro ano, cujas matérias eram Anatomia e Fisiologia (noções gerais), Enfermagem Cirúrgica e seus Socorros Urgentes, Organização dos Serviços Hospitalares e Legislação. Nos livros de actas destes Conselhos constam também actas de concursos nas várias categorias de enfermagem existentes, em que fez parte dos júris. No Conselho Escolar de 7/01/1924 foi-lhe atribuída a regência do Curso Complementar (CC). Até ao início do Ano Esc. 1924-1925 – 3/11/1924 só não esteve presente num Conselho que se destinava à marcação das provas do concurso para enfermeiro sub-chefe. Depois desta data as actas revelam alguma irregularidade de presença, não deixando, no entanto, de assumir as suas responsabilidades, enviando as classificações dos alunos, posições escritas ou tomando conhecimento do que foi resolvido (p/ex. marcação de exames e provas). Aliás, os registos mostram posturas que não teriam sido fáceis de aceitar, como a de propor que todos os alunos do CC do Ano Esc. 1923/1924 (17/7/1924) se matriculassem novamente no curso, por insuficiente preparação, dada a anormalidade

como este decorreu. No Ano Esc. seguinte há também anormalidade e no Ano Esc. de 1925-1926 (26/7/1926) o Conselho Escolar, apreciando a irregularidade de frequência dos alunos e a sua insuficiente preparação, assim como uma petição dos enfermeiros sub-chefes para fazerem os exames sem terem frequentado o CC, anula a matrícula a todos os alunos. Finalmente, no ano seguinte (18/7/1927) todos os alunos deste curso são propostos a exame. No Conselho de 7/07/1931 também Bissaya Barreto propõe que os exames do CC não sejam realizados nesse ano, por os alunos não estarem suficientemente habilitados.

Estes Conselhos foram presididos a partir de 1925 e regularmente a partir de 1926 pelo Prof. Doutor Ângelo da Fonseca, na qualidade de Director Substituto, em exercício (dos HUC, a que a Escola pertencia). Em 1932 (21/11/1932) Ângelo da Fonseca passa a ser designado o Director da EEAf. Em 1942 é substituído nesta presidência pelo Professor João Maria Porto. Aos dois professores iniciais vêm juntar-se outros.

A Bissaya Barreto, como vogal do Instituto Maternal e depois como seu Delegado em Coimbra, deve-se-lhe a criação da Escola daquele Instituto nesta cidade, tendo o Curso de Enfermeiras Parteiras Puericultoras desta Escola começado a funcionar em 1955. Este Curso, é considerado de Especialização Obstétrica, pois encerra a exigência da habilitação do Curso de Enfermagem Geral (CEG). Deve dizer-se que esta exigência, pela carência existente em diplomadas, permitiu que se inscrevessem alunas que apresentassem a Declaração certificativa de terem concluído o segundo ano do CEG. Assim, enfermeiras diplomadas em 1955, foram admitidas com aquela declaração, como o caso de uma colega de curso, cujo diploma estava cativo até ao reembolso dos HUC da bolsa relativa à alimentação durante os três anos de curso (Salgueiro, 2004, p 87). Também se inscreveram alunas do Curso seguinte (1953-1956) que concluíram o segundo ano, do que resultou virem a ser enfermeiras especialistas sem terem o diploma do CEG, isto a nível das três Escolas daquele Instituto (Lisboa, Porto e Coimbra). Não cabe aqui descrever a evolução desta formação especializada, no entanto, deve dizer-se que o Decreto-Lei 42884/1967 de 30 de Abril, regulamenta que todos os Cursos de Especialização em Enfermagem Obstétrica passem a ser da responsabilidade das Escolas de Enfermagem. A Portaria 24231/1969 de 11 de Agosto abre exceção

a esta integração para a Escola de Enfermagem do Centro de Saúde e Assistência Materno-Infantil Bissaya Barreto, que vem a ser integrada em 1973 na Escola de Enfermagem de Bissaya Barreto. Decorrente da criação das Escolas de Enfermagem Pós-Básicas e respectiva regulamentação, passa para Escola de Enfermagem Pós-Básica Ângelo da Fonseca, em 1985.



FIG. 2 – Grupo de Alunas e Docentes da Escola de Parteiras Puericultoras (1965/1966) (Observar os tocados). Gentileza da Senhora Enf. Maria Guiomar Jorge, a quem se agradece penhoradamente.

Sabe-se da preocupação de Bissaya Barreto em formar pessoal técnico para as suas obras, assim, além das supracitadas, a primeira a ser fundada é a Escola Normal Social afecta à Obra de Protecção à Grávida e Defesa da Criança (OPGDC).

Há muitos aspectos a ligar Ângelo da Fonseca e Bissaya Barreto: trabalharam juntos e até deixaram obra escrita em conjunto como «Arquivos das Clínicas Cirúrgicas», em vários volumes (de 1928 a 1942, terminando a parceria com o falecimento de Ângelo da Fonseca). Neste apontamento de história e memória, o foco será o Prof. Doutor Bissaya Barreto. Num outro sobre o Centenário da Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da

Fonseca será então tratado com maior detalhe o Prof. Doutor Ângelo da Fonseca.

Agora que a fusão das duas Escolas Superiores de Enfermagem está consolidada seria interessante atribuir ao Pólo A o nome de Ângelo da Fonseca e ao Pólo B o de Bissaya Barreto, fica o repto.

Bissaya Barreto aparece escrito umas vezes assim e outras com hífen a ligar os dois nomes, inclusive nas obras editadas pela Fundação Bissaya-Barreto (FBB). Adoptar-se-á a primeira versão, sem hífen, dado ser a que consta no seu BI (Centro de Documentação da FBB).

Possivelmente, a primeira interrogação que virá à mente dos membros da comunidade da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, em particular, e, por certo, a possíveis leitores, será em relação ao que me leva a escrever sobre Bissaya Barreto, tanto mais que há muitos escritos publicados sobre ele e a sua obra: na Revista da FBB, em duas obras desta Fundação (2008), uma das quais especificamente sobre o seu fundador, a de Jorge Pais de Sousa (1999) e outras, sendo a primeira de todas o livro do escritor Belga Pierre Goemaere (1942), incluída na colecção os Grandes Contemporâneos, assim como artigos e notícias nos jornais quando noticiavam as suas obras, as suas polémicas, os seus slogans e as homenagens que lhe foram prestadas, em vida e póstumas. Ele próprio deixou importante obra escrita como *Subsídios para a História e Uma Obra Social realizada em Coimbra*. Alguns até dirão «O que lhe deu para se meter em tal empreitada, certamente não tem que fazer?»

Começarei por esta possível e justa questão antes de responder à outra.

O que me levou a realizar este trabalho

É muito simples, utilizando a expressão do próprio Bissaya Barreto, quando o inquiriam sobre o porquê de algumas das suas actividades ou de frequentar ao mesmo tempo três faculdades, como o fez a Pierre Goemaere (p. 23, 1942).

— Fui aluna do Senhor Professor Bissaya Barreto e, por incrível que pareça, não em Cirurgia, mas em Educação Sanitária e devo dizer que na altura não entendia muito bem porque é que um cirurgião leccionava esta disciplina, depois comprehendi perfeitamente.

— Ao longo destes sessenta anos em que resido em Coimbra vi nascer algumas das suas importantes obras e o desenvolvimento de outras. Espreitei para dentro do Centro de Protecção à Grávida e Defesa da Criança, Complexo Materno-Infantil constituído pelo Dispensário, Ninho dos Pequenitos, Parque Infantil Doutor Oliveira Salazar, Jardim D. Maria do Resgate Salazar, Maternidade do Ninho, à Praça da República, no sítio onde está hoje implantada a Associação Académica e o Teatro Gil Vicente, retendo a imagem muito nítida dos jardins com o túnel de verdura e das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria que se ocupavam das crianças. Assisti depois à sua destruição para dar lugar àquela estrutura académica, vendo nascer, desde os primeiros trabalhos, o Complexo Materno-Infantil da Quinta da Rainha que o substituiu.

— Cruzei-me muitas vezes com as alunas da Escola Normal Social, por si criada e afecta àquela obra, visto que nos três anos de Curso (CEG) vivi no Lar das Alunas Enfermeiras de Coimbra, sito na rua Venâncio Rodrigues n.º 7, perto desta Escola. Depois passavam pelo Serviço de Clínica Médica que chefiava, em estágio.

— Ainda vi nascer a segunda parte do Portugal dos Pequenitos: o Portugal Insular e das Províncias Ultramarinas.

— No final do CEG visitámos a Leprosaria Nacional Rovisco Pais, de tipo Hospital-Asilo-Colónia, bem como, o preventório anexo, na Tocha, considerado uma Leprosaria modelar; numa época em que estava no auge do seu funcionamento e várias outras vezes posteriormente. Visitei o Hospital Geral (Covões) antes de entrar em funcionamento, considerado também modelar.

— Organizei visitas de estudo às suas obras para os nossos estudantes e para um grande número de grupos de estrangeiros que acompanhei: Maternidade Bissaya-Barreto, Hospitais Psiquiátricos Sobral Cid e Lorbão, Escola Agrícola de Arnes, Hospital Geral...

— Li notícias do número de intervenções que realizava numa só sessão (27, 30, números recordes, proeza capaz de figurar no *Guinness Book*) realizadas em Coimbra e nas suas frequentes deslocações para fora de Coimbra. Cabrita (1986) refere que no ano de 1919 realizou 1400 intervenções cirúrgicas e mais de 2000/ano para Freire (1950).

— Acompanhei a polémica entre si e a Faculdade de Medicina/Universidade de Coimbra, vindas a público,

em artigos inflamados, no Diário de Coimbra (DC) de 1957 a 1959, sob o Slogan *Coimbra precisa de ter um Hospital-Faculdade, Coimbra precisa de ter um Hospital-Cidade*. Esta polémica só termina com a intervenção da PIDE que proíbe o DC de publicar tais artigos, em consequência de intervenção do Senado da UC e do Reitor junto do governo (Pais de Sousa, 1999, p. 111).

— Vi-o pessoalmente pela primeira vez em 1953, quando visitávamos o mesmo doente, ele como seu cirurgião que lhe pegou *in extremis* e eu como amiga da família, testemunhando a enorme gratidão daquele doente e da sua família, tanto pela prontidão com que a meio da noite o veio operar e êxito da intervenção, como pela atenção que dispensou ao doente e à sua esposa no pós-operatório. Esta gratidão perdurou ao longo das suas vidas e mantém-se nos nossos dias através das suas duas filhas, que não esquecem o tempo que dispensou à sua família e a forma carinhosa como afagou os seus cabelos, apesar das imensas solicitações, quando estiveram presentes na Homenagem que lhe foi feita na Câmara Municipal de Coimbra (CMC), na altura da sua jubilação, em 2 de Dezembro de 1956. A CMC atribuiu-lhe a Medalha de Mérito Relevante, tendo, para tal, alterado o Regulamento da Atribuição das Medalhas (Sessão da CMC em 15 de Novembro de 1956). Não consta que tal distinção, acima da Medalha de Ouro, tivesse sido atribuída a qualquer outra pessoa (segundo o próprio homenageado, nunca viu tal medalha).

— Ouvi muitos outros testemunhos semelhantes de doentes e seus familiares. O mais recente foi o da Senhora D. Alice Costa que cresceu a ouvir palavras de admiração e gratidão de sua mãe pela atenção que lhe dispensou aquando do seu internamento no Hospital de Aveiro, onde a tratou. Veio de Trás-os-Montes, não tinha visitas, dado que, nessa época as vias de comunicação e os meios de transporte alongavam as distâncias, mas recebia diariamente uma carta do marido. O Professor fazia questão de visitar, de forma especial, os doentes que não tinham visitas. Numa das visitas encontrou-a muito triste, olhando as cartas. Afagou-lhe os cabelos, dizendo-lhe «Não estejas triste, as tuas visitas estão aí, apontando as cartas».

A confirmar a importância que atribuía aos elos entre cirurgião e operado (aplica-se a âmbito mais abrangente), o documento escrito pela sua mão, que tive o privilégio de consultar (2/07/2010) de que transcrevo algumas passagens:

“(...) O cirurgião na intervenção que faz deixa ficar alguma coisa do seu *eu* no próprio operado; daí a ligação que se estabelece entre operador e operado, ligação que não esquecem através da vida inteira. E neste fenómeno espiritual, sentimental criamos a maior consolação, a maior compensação da vida de cirurgião. Horas que não se esquecem, angústias que nos abalam o coração, insónias múltiplas que se gravam no nosso fáries, ameaças, muitas marcas que se gravam em quem vive sinceramente o pós-operatório buliçoso e turbulento de alguns operados! Só à custa de tanta dedicação, de tanta abnegação o doente comprehende como deve, tem confiança no operador, calma perante a operação, a esperança na cura e o desejo forte de viver, condições estas indispensáveis no êxito do acto operatório, condições estas que só se obtêm quando o cirurgião pela sua ciência, pela sua consciência, pela sua alma, pela sua técnica, as quais despertaram os sentimentos do respeito e admiração entre as pessoas que formam o ambiente de trabalho! E semelhante ambiente tem que se fazer, tem que se manter, com simplicidade e discrição, embora seja cada vez mais amplo o nosso campo de acção, embora o standard de vida e as condições da própria vida se modifiquem dia-a-dia, dificultando é certo, mas não tornando impossível a criação e manutenção de semelhante ambiente, obtido com inteligência, por persuasão, pacientemente. A *paciência* é na verdade uma virtude de que o cirurgião precisa ser rico”.

A seguir explana o que se vence com esta virtude, para terminar como a seguir se transcreve:

“Enfim, é necessário ser (...) calmo, terno, paciente, preciso, solícito, atento, respeitando o modo de ser do doente, mas cumprimentando-o ao mesmo tempo (...)

A esta calma de espírito, corresponde uma calma completa e absoluta do corpo sempre imprescindível (CDFBB, sem data)”.

— Ouvi as especulações em torno da casa onde tinha o seu consultório, vendo-a escapar, durante um certo tempo, ao camartelo destruidor, quando todas as outras da Alta foram abaixo para construir os edifícios das faculdades. Dizia-se que era por ser amigo de Salazar e outras coisas semelhantes. A explicação só mais tarde a percebi quando ele entra, mais uma vez, em guerra aberta com a Universidade e escreve nos jornais gritos

de indignação sob os slogans *Aqui d' El-Rei... quem acode ao Colégio das Artes? Quem acode ao Colégio de S. Jerónimo? Quem acode às Escadarias de S. Jerónimo? Aqui d' El-Rei, gritamos aflijitivamente...* e descreve o que denomina de crime lesa-Arte. Lança apelos como: *Coimbra não pode ficar indiferente perante tão brutal agressão! Onde está a Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra? Onde está a Associação dos Antigos Estudantes?* E debate-se por um Hospital-Cidade e um Hospital-Faculdade, em vez de um acanhado Hospital Universitário (não mais que 20000 m², enquanto o Prof Doutor António Augusto Costa Simões já propunha no século anterior uma área de 100000²).

— Ouvi imensos relatos de incidentes, contados por enfermeiros mais velhos do que eu, em que o seu humor contundente, por vezes corrosivo, se fez sentir, como o daquele jovem enfermeiro a quem o Professor aponta as manchas na roupa operatória e este lhe responde, defendendo-se «Está esterilizada», ficando de “queixo caído” com a resposta imediata «Se lhe dessem M... esterilizada, comia-a!»

— Fiquei feliz com a notícia de que tinha escolhido para adjunto, e um dos seus braços direitos, o Enfermeiro José Pinto Teles, meu professor a quem carinhosamente chamávamos *Pai Teles*, a quem a Enfermagem Portuguesa, particularmente a da zona Centro, muito deve. Esta decisão não foi pacífica. Houve críticas mordazes por ele ter dado este cargo, que na prática era semelhante ao de um administrador adjunto, a um enfermeiro.

— Recordo as notícias do seu falecimento a 16 de Setembro de 1974, em Lisboa, cuja transladação se fez directamente para Castanheira de Pêra, sua terra natal, onde ficou em jazigo de família, visto que, na Universidade não lhe foram prestadas as devidas Honras Fúnebres. O Povo indignou-se e os jornais relataram timidamente a sua morte e que, no momento das exéquias fúnebres, os elementos de um grupo de revolucionários soltaram gritos típicos da época e lançaram foguetes (Confirmado pelo Senhor Marques da Costa que o presenciou (E. 24/03/2010). No nosso meio hospitalar isso foi muito comentado, uns com muita tristeza, ou mesmo revoltados, e outros, apoiando aquele grupo e a razão era a sua amizade com Salazar. Na altura lembro-me de dizer: era bom que existisse um Bissaya Barreto, pelo menos, em cada capital de distrito. Agora digo, com maior convicção, o País estaria bem melhor se

existissem muitos Homens da envergadura deste Grande Contemporâneo, nem era preciso ser um em cada capital de distrito, bastava um em cada zona: Centro, Sul e Norte.

— Já depois da sua morte, fiz um estágio na UCIC do Hospital Geral. Lembro-me de quanto me encantou aquela unidade, lá no alto, com grandes vidraças, em que os doentes podiam desfrutar de uma bela vista sobre a belíssima área envolvente, cujas árvores ofereciam um verde repousante e sabe-se como isso é importante para evitar o síndrome dos cuidados intensivos. Há pouco tempo olhei para a área do Hospital Geral, de um dos andares cimeiros do Pólo B da ESEnfC, fiquei triste com o que os meus olhos viram, a mata está cada vez mais reduzida.

— Também, como ele, estou profundamente marcada pela montanha, não sou de planície. Os primeiros anos de vida, vivi-os numa casa no topo de uma montanha, cresci a respirar o ar lavado que vinha das serras da Lousã, Espinhal, Jenianes, Sicó..., aprendi a olhar ao longe, a poifar os olhos numa paisagem recortada de montes e vales, a caminhar por caminhos e carreiros, a saltar de pedra em pedra, a absorver o odor da terra molhada depois de uma boa chuva e a inebriar-me com os perfumes da natureza. A contemplar as flores silvestres, a ouvir o canto das aves e das cigarras no Verão, a receber logo de manhã os benfazejos raios solares e a absorver a energia da natureza. Entendo muito bem as marcas que o Homem, que viveu os primeiros anos de vida em Castanheira de Pêra e que lembrava constantemente «Não sou homem de planície, nasci para caminhar na montanha», deixou nas suas obras.

Os aspectos referidos e outros ainda não revelados fizeram com que esta pessoa, algo misteriosa, sempre me tivesse fascinado.

Concretamente, o que despoleiou agora este trabalho?

No dia 20 de Março deste ano, reuni-me com o meu Mestre Fernando Teixeira para reflectirmos sobre o ensinamento cabalístico dessa semana, como vem sendo habitual há um tempo para cá. Nesse dia, o texto que tínhamos para analisar e meditar sobre ele, subordinava-se ao tema *“Encontre um professor e adquira um amigo”*. A partir daqui poder-se-ão aprender dois princípios importantes

para assegurar o sucesso no caminho espiritual. O primeiro é de que não se pode ser bem sucedido neste caminho sem um professor. Não se trata de um professor em sala de aula, de um professor em sentido tradicional, embora este seja importante, mas de alguém que é uma fonte constante de *feedback*, de orientação e inspiração, que nos ajuda a alcançar os nossos objectivos e a crescer continuamente. De alguém que nos conhece por dentro e por fora, que está 100% presente para nos apoiar nos momentos difíceis ou especiais, para nos ajudar a trabalhar as nossas dificuldades. O segundo princípio é: *cercarmo-nos de pessoas que nos possam ajudar na nossa jornada, de pessoas espiritualmente desenvolvidas, como parte fundamental para o sucesso espiritual.* O texto adverte: os amigos são como o oxigénio de que todos precisamos para viver. Alguns de nós temos tanto medo de ficar sem ar que usamos uma máscara de oxigénio, outros podem pensar que não precisam deste apoio externo. Tanto a dependência como o isolamento são incorrectos, devemos situar-nos na interdependência se queremos progredir. Também nos devemos interrogar se estamos rodeados das pessoas certas. É importante conectarmo-nos com um professor, por telefone, e-mail ou de qualquer outra forma. Este contacto deve constituir uma prioridade. E o texto diz ainda que também ajuda escolher um *tzadik* (alma elevada, um justo), *algum que percorreu o caminho espiritual e já deixou este mundo físico.* É importante conectarmo-nos com ele, visitando as suas obras, lendo e aprendendo com os seus livros, visitando o seu túmulo, etc. Depois do nosso trabalho de leitura e reflexão, disse-me «Não conheço o meio Coimbrão, mas falam-me de três entidades ligadas a Coimbra: A Rainha Santa, o Prof. Doutor Elísio de Moura e o Prof. Doutor Bissaya Barreto. Deste último, as informações são algo controversas, há pessoas que me dizem muito bem e outras menos bem. Rapidamente, fiz-lhe um relato da obra que nos legou e dos aspectos mais relevantes da sua pessoa, do seu carácter. À medida que ia enumerando as suas obras, ele mostrava a sua admiração e, por fim, disse, *fez tudo isso?* Retorqui: «Ainda me faz ir hoje ao sótão, consultar as minhas preciosidades, até tenho um livro antigo sobre ele».

As preciosidades

Depois de jantar rumei ao sótão. Dentro de uma pasta de congressos, num grande saco almofadado dos CTT, lá estava o que pretendia com a seguinte identificação «Preciosidades, Bissaya Barreto». Não faltava o livro do escritor belga Pierre Goemaere, *Bissaya-Barreto*, incluído na Coleção Os Grandes Contemporâneos, que se destinava a ser publicado em França, mas, devido à Segunda Guerra Mundial, foi editado em francês pela livraria Bertrand e logo a seguir traduzido para português por Henrique Galvão e editado pela Casa das Beiras, em 1942. Escusado será dizer que de imediato comecei a relê-lo, só descendo quando já tinha acabado praticamente a leitura e o meu filho foi saber se me tinha acontecido alguma coisa, insistindo para que terminasse. Foi bom tê-lo feito, pois só então me dei conta que estava gelada. É uma obra escrita numa linguagem clara e num estilo fluente, de muito agradável leitura e fidedigna, pois não acredito que o visado a deixasse publicar sem tomar conhecimento do seu conteúdo. A Enf. Maria Guiomar Jorge, que com ele trabalhou, acrescentou, quando lhe mostrei este texto, «Hui, tudo passado a pente fino!». Pela bela descrição da sua chegada a Casa de Bissaya Barreto («O Refúgio», como Goemaere a denomina) percebe-se que não havia encontro marcado, que não era esperado, portanto, não se trata de uma obra encomendada, facto que já me foi confirmado. No meio das preciosidades encontrei brochuras informativas: da inauguração do Complexo Materno Infantil/Maternidade Bissaya Barreto, muito bela, do Hospital Geral (CHC) e do Hospital Psiquiátrico Sobral Cid e outras; vários livros/brochuras sobre o Portugal dos Pequenitos que me custaram 7\$50 escudos e 10\$00 escudos e outros sem preço (com as fotografias coladas), uma colectânea dos artigos publicados no Diário de Coimbra durante o quarto trimestre de 1966, com o título *Coimbra e os seus Hospitais* sobre a polémica do Hospital Cidade e do Hospital Faculdade e da anunciada destruição dos Colégios das Artes e de S. Jerónimo, com belas fotografias do que se iria perder, a fim de construir o novo hospital que deveria substituir os velhos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC) ali instalados. Muito interessante a carta ao Director do Diário de Coimbra (7/12/1966) do Senhor Carneiro da Silva em apoio a Bissaya Barreto, incluída nesta colectânea e que aponta, como sempre o fez, as muitas destruições, os crimes lesa-Arte que

a cidade sofreu. Foi um homem com quem privei de perto, que admirei e que muito me ajudou quando enveredei por descobrir e ajudar a descobrir a Cidade, estando ele à frente da Biblioteca Municipal.

Aquando destes artigos ainda chefiava a Clínica Médica (4.^aMM) dos HUC, então Enfermaria Escola, acompanhando de perto esta polémica. Também me doía muito tal destruição. As salas de aulas do meu Curso de Pré-Enfermagem (1950-1952), do Curso de Enfermagem Geral (1952-1955) abriam-se para o corredor e átrio, cujos azulejos citados no crime lesa-Arte foram as suas paredes, dos varandins destas salas admirávamos o belo claustro de colunas jónicas do rés-do-chão, entrávamos pela Portaria de S. Jerónimo, subíamos em correria a bela escadaria e interrogávamo-nos sobre aquela porta-sacada, no seu primeiro patamar, à direita. O mistério só se desvendou, para mim, quando fiz um estudo sobre estes colégios a fim de elaborar uma brochura (dactilografada) para dar aos novos alunos na sua visita introdutória à Escola – Era a Porta da Conferência, ponto de observação dos responsáveis do Colégio, para controlarem quem ia ao refeitório tomar as suas refeições ou faltava. Neste belo refeitório forrado de belos azulejos e com belíssimos estuques pendentes no tecto, na época, salão nobre dos HUC, fiz o meu juramento solene de enfermeira, na cerimónia de encerramento do curso e nele ocorreram outros actos marcantes da minha vida de estudante e profissional. Durante os treze anos de trabalho hospitalar, calcoreei aqueles espaços, atravessei as pranchadas do Colégio das Artes em noites invernais, recordo algumas que mais eram infernais, com portas a bater, placas de zinco a voar, mas também me detive a observar aquela fonte que me parecia ter sido a frente de um altar, a jóia barroca que é a sua capela, os azulejos e lá está um, registando o momento em que o Professor Doutor Ângelo da Fonseca demonstrava um exame urológico. A ameaça da destruição não podia de maneira nenhuma deixar-me indiferente.

No início da semana seguinte contactei com o Portugal dos Pequenitos para saber se a Senhora D. Alzira Costa, Guarda-chefe, que vivia numa casa no próprio Portugal dos Pequenitos ainda por lá estava, calculava que se teria já aposentado, se fosse esse o caso, se me podiam informar de como contactá-la. Interessava-me entrevistá-la, pois, uma vez contou-me factos que revelavam a sensibilidade deste grande homem. Claro, já não estava. Perguntaram-me o motivo de desejar esta informação. Quando disse que era sobre o Professor

Bissaya Barreto foi-me sugerido que contactasse o Senhor Manuel Marques da Costa que apesar dos seus 94 anos todos os dias vinha ali trabalhar e esteve desde jovem ligado ao Senhor Professor e à sua obra. O nosso encontro ocorreu no dia 24/03/2010. Este Senhor contactou pela primeira vez pessoalmente com tão ilustre cirurgião aos 15 anos de idade e nesse encontro foi por ele incumbido de lhe prestar um serviço (levar um recado ao responsável administrativo da Junta Geral do Distrito). Passados 80 anos (não são 80 dias), continua ao seu serviço, trabalhando na sua obra. Por isto, este encontro constituiu já uma grande lição. Uma não, mas duas: a lição do homem que soube conquistar um trabalhador fiel, zeloso no cumprimento das milhentas tarefas e papéis que lhe foram sendo atribuídos - moço de recados, secretário, económico, fiscal de obras, motorista e a do funcionário que soube tornar-se digno de confiança, que não se furtava a emitir os seus pareceres, até a discordar respeitosamente do Senhor Professor, os quais eram tomados em consideração. As suas palavras elucidam bem a admiração: «Tive a sorte de aos 15 anos vir trabalhar para a obra do Senhor Professor e a melhor maneira de continuar com ele é vir todos os dias, até que possa, ao Portugal dos Pequenitos... Faz em 27 de Outubro próximo (2010) 80 anos que estou ao serviço da sua obra». Indicou-me algumas pessoas a contactar, falou-me dos livros recentes da Fundação e de muitas outras preciosas informações. Pelo que percebi é uma espécie de zelador do Portugal dos Pequenitos.

Ah! Uma coisa muito importante, comprei um caderninho para as minhas notas, daqueles baratos, mas que têm a virtude de não se poder destacar as folhas, a fim de que não haja a tentação de o fazer, por se achar que a informação não é relevante. O que parece não ter sentido agora pode revelar-se muito útil, quando as partes do puzzle se começam a juntar. Quando no dia 27 de Março me encontrei de novo com o meu Mestre, já tinha feito uma série de contactos, agendado encontros, dos dois livros da Fundação, editados em 2008, tinha adquirido um e encomendado o outro. Levei-lhe as minhas preciosidades.

Depois do relato do trabalho realizado, disse-me «a Nídia tem que escrever um livro sobre o Professor Bissaya Barreto» Retorqui-lhe que isso já estava feito e de forma excelente. «Mas não está feita a sua versão» «Já se interrogou porque guardou as suas preciosidades e porque foi capaz de me fazer um relato tão circunstanciado e com tanto entusiasmo

sobre este homem e a sua obra!» «Um livro não, talvez um apontamento para a nossa *Referência*», retorqui. «Não, não. A sua missão é fazer a ponte entre uma obra científica de vulto e uma obra de divulgação, que levante a auto-estima dos portugueses, que lhes dê ânimo, mostrando-lhes que mesmo em condições adversas é sempre possível ir além da Taprobana». «A Nídia é capaz de fazer isso e de fazê-lo bem!» E, «não pode protelar, tem que começar já, o trabalho tem que estar pronto dentro de um ano». «Temos que fazer um circuito, visitando as obras e o local onde jazem os restos mortais deste Grande Homem», ao que respondi: «Precisamos no mínimo de uma semana, mas quando quiser, vamos a isso!». Acordámos que logo que o tempo estivesse mais estável, começáriamo a fazer as nossas visitas. Já começámos.

Não estou certa de que efectivamente consiga realizar a obra sugerida, mas prometi a mim mesma trabalhar com afinc e, pelo menos, elaborar um apontamento para a *Referência*.

Terei por base a obra de Pierre Goemaere e as da FBB e outras credíveis, servindo-me dos dados nelas expostos. Considero um dispêndio de energia desnecessário inventar a roda quando esta já foi há muito inventada, o que não quer dizer que não consulte o Centro de Documentação da FBB. Também conto recolher depoimentos de pessoas ligadas a Bissaya Barreto e à sua Obra. Neste momento já disponho de contributos muito preciosos, entre os quais os já referidos e os de Maria Guiomar Jorge e Viriato Namora. A primeira fez o Curso de Enfermeira Parteira Puericultora em 1960, depois denominado Curso de Especialização Obstétrica para Enfermeiras (1967-1975) a que se seguiram outras denominações, na Escola criada pelo Prof. Bissaya Barreto, já citada. Após esta formação sempre trabalhou na sua obra, tendo também nela exercido funções de docência. Aposentou-se como Enf. Supervisora da Maternidade Bissaya-Barreto. Viriato Namora foi Administrador em algumas das suas obras, Administrador Delegado do CHC e um seu braço direito. A sua colaboração foi decisiva, sobretudo na parte técnica, na criação do Aeródromo de Coimbra – Aeródromo Municipal Bissaya Barreto (Marques da Costa E. (24/03/2010).

Não se pretende elaborar um trabalho científico, esse já está feito, como o de Pais de Sousa (1999), simplesmente despertar a comunidade escolar e os possíveis leitores para conhecerem um pouco melhor

este homem ímpar, de que nos devemos orgulhar, que nos legou uma importantíssima e multifacetada obra médico-social e educação. Gostaríamos, isso sim, de conseguir escrever um texto numa linguagem simples, de fácil mas estimulante leitura que levasse o leitor menos informado a querer saber mais, a visitar as suas obras, com um outro olhar.

O Professor Doutor Bissaya Barreto

À pergunta «Quem foi Bissaya Barreto?», a resposta dependerá de quem lhe responder.

Uns dirão: «foi um grande humanista, um filantropo, um benemérito, um grande pedagogo, que perfilhava a pedagogia activa, inspirando-se em Pestalozzi, Fröbel e Montessori, um grande contemporâneo, um homem que abraçou múltiplas causas, um cultor da arte, um amante da beleza e criador de beleza expressa nas suas inúmeras obras, um naturalista, que acreditava nas forças da natureza, um homem que deixou obra Impar no domínio da Saúde e da Educação e até um empresário de sucesso».

Outros menos preocupados com títulos eruditos dir-lhes-ão, muito simplesmente, como me disseram a D. Alzira Costa e o Senhor Marques da Costa e outros que com ele trabalharam:

– «Foi um amigo dos pobres, dos excluídos e marginalizados, um trabalhador incansável a favor da criança e da sua mãe, um combatente feroz contra os flagelos sociais como a tuberculose, a lepra, as doenças venéreas, a loucura, o alcoolismo, o paludismo, a surdez e a cegueira, o cancro....». A D. Alzira Costa afirma peremptória: «Amigo dos pobres, à minha frente ninguém o pode negar» e consubstancia a afirmação «O meu primeiro trabalho na sua obra foi na Casa da Criança Rainha Santa Isabel, em Santa Clara, no Portugal dos Pequenitos. Quando se dava uma vaga era sempre a criança mais desfavorecida da sorte, a mais pobre e desamparada que tinha a prioridade».

As respostas não se ficarão por aqui, os que trabalharam mais de perto com ele, responderão:

– Era um homem muito exigente, com ele e com os outros, de poucas mas oportunas palavras, que usava o humor, às vezes um humor contundente, com uma enorme capacidade de trabalho, comia frugalmente e dormia muito pouco, mas dormia quando, quanto

e onde queria - a maior parte das noites sentado no banco de trás do carro, com um cobertor sobre os joelhos e um saco de água quente nos pés nas noites frias, visto que os carros naqueles tempos não dispunham de aquecimento, para estar pronto a operar durante o dia, fora de Coimbra e, depois da noite de regresso, nesta nossa cidade. Viriato Namora (DC de 5/08/1987, confirmado em E de 2/05/2010) fala nas dores de cabeça que fazia passar a todos os que trabalhavam nas suas “Obras”, cujas palavras de ordem eram austeridade nos gastos e rentabilidade dos meios. Apesar do rigor que exigia, era intolerante quando a burocracia emperrava, dizendo: primeiro tratam-se os doentes, depois tratam-se os papéis. Implacável, por vezes duro, invocava muitas vezes:

Temos esta norma:

Quem não seja capaz de viver intensamente, com paixão, o Serviço, vendo nele a sua própria vida, não cabe nele (Bissaya Barreto).

– Dirão ainda, era um Homem com uma agudeza de espírito para escolher os seus colaboradores em quem depositava total confiança (Guiomar Jorge, fala em qualquer coisa de espiritual) e outros aspectos da sua personalidade, do seu carácter, dos seus valores e, possivelmente, expressarão mágoa por terem visto maltratado um homem que trabalhou intensamente a favor dos desvalidos, que deixou uma obra de génio tanto na área da saúde, como na da educação. Obras que são ao mesmo tempo alimento para os olhos e para o espírito pela beleza dos seus jardins, das obras de arte, das combinações de cores, que para o tempo eram inovadoras, mas também dos pensamentos filosóficos e morais que delas emanam, por exemplo nas fábulas de La Fontaine que ornamentam as paredes das Consultas Externas da MBB ou mais subtils que para os descobrir é preciso um espírito mais atento e avisado. Dirlhe-ão que muitas das obras de arte e peças decorativas que embelezam algumas das suas obras não foram compradas com dinheiros públicos, mas provieram da sua coleção particular (Maria Guiomar Jorge e Manuel Marques da Costa - E., 2010; Santos Bessa -1986, e outros).

Poderão também obter uma resposta mais óbvia e concreta:

– «Ah! Bem! O Prof. Doutor Fernando Baeta Bissaya-Barreto Rosa, nasceu em Castanheira de Pêra, a 29 de Outubro de 1886, no seio de uma família conceituada e unida. O seu Pai Albino Inácio Rosa, farmacêutico, destacou-se também nas lides municipais dos

Concelhos de Pedrógão Grande, tendo sido Presidente da Câmara Municipal, e no de Castanheira de Pêra, a que deu o seu contributo no processo de autonomização, que culminou com a criação do Concelho, em 1914. A sua Mãe Joaquina da Conceição, da família Bissaya Barreto de cujo seio saíram personalidades ilustres, como médicos e políticos e até um Bispo, D. Manuel Agostinho Barreto, Bispo do Funchal de 1877 a 1911 e um dos grandes sociólogos do seu tempo (Goemaere, 1942, p. 18). Matriculou-se no Liceu em Coimbra aos treze anos, concluindo os estudos liceais com distinção, assim como os estudos universitários. Fez a sua carreira académica de forma fulgurante, tendo-se doutorado em 1915, vindo a ser Professor Catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (1942), de Cirurgia – Técnicas operatórias e um exímio Cirurgião, cuja actividade se desenvolveu nos Hospitais da Universidade e noutras instituições de Coimbra e num grande número de hospitais de outras cidades e vilas da zona Centro e não só, apontando outros aspectos curriculares. Jubilado em 1956, continuou, no entanto, a trabalhar intensamente até à sua morte, em 16 de Setembro de 1974».

Apesar do seu intenso trabalho, manteve sempre os laços afectivos com a sua família nuclear e alargada, como comprovam a correspondência trocada entre si e os seus familiares. As preocupações com o seu estado de saúde, devido ao exagero no trabalho e respectiva falta de descanso físico e intelectual, é manifestada pelo Senhor Bispo do Funchal, seu tio materno, convidando-o a passar férias no Funchal, aconselhando-o também a que abrandasse o ritmo de trabalho ou parasse por algum tempo, regozijando-se com os resultados obtidos. Igualmente o Tio Augusto Barreto (médico) manifesta idênticos desvelos e lamenta-se de que não passe férias com ele em Cuba, no Alentejo.

Ao Pai, homem que revela visão avançada para a época, deve-lhe começar ainda menino a tomar conta de si próprio, a tomar responsabilidades. Aos treze anos de idade, quando ingressa no liceu, fica em quarto alugado, com o auxílio de uma criada, que lhe trata da roupa e da alimentação. Está por sua conta e risco, ao contrário de filhos de famílias de idêntica situação que estudavam em internatos. Isso deve-o, sem dúvida, ao Pai, que lhe transmitia a ideia: «Não serás um homem enquanto não te puderes governar só e serás tanto mais forte quanto mais cedo o tiveres aprendido». Assim, aprende cedo a gerir o seu tempo,

a estudar e trabalhar sem tutela, a tomar decisões, já que a casa paterna está longe, nesse tempo – dois dias a cavalo, em duas tiradas, com pernoita na Lousã, em casa de amigos, quando ia de férias.

Bissaya Barreto adorava a sua mãe, cujo nome adoptou, bem como as suas três irmãs (Berta, Aura e Sofia). Foi o segundo na fratria. O Sr. Marques da Costa, afirmou-o e relatou o desvelo do Professor para com a mãe na doença que a vitimou: «Esteve junto dela dia e noite. Inaugurava-se a Casa da Criança de Águeda. Reclamava-se a sua presença na cerimónia, em que estariam presentes individualidades de vulto, mas opta por ficar. De repente a Senhora pareceu melhorar significativamente, despertou. Resolve comparecer na cerimónia (16/03/1952), mas esta vem a falecer no dia seguinte, o que lhe causa grande sofrimento, um duplo sofrimento: a perda e o não estar presente nos derradeiros momentos da sua passagem terrena». O povo fala nas “melhorias da morte”. As melhorias, ou seja os momentos de lucidez que ocorrem algum tempo antes da partida. Também se diz que nalguns casos é preciso retirar os entes queridos de junto da pessoa para que esta possa partir. Presenciei estas situações, tanto a nível profissional (muitos casos) como pessoal.

Haverá também quem pinte a forte personalidade de Bissaya Barreto com cores menos luminosas e até quem desvalorize a sua obra. Não é de estranhar, pois já em nota do tradutor do livro de Pierre Goemaere, Henrique Galvão, este avverte: «Só se atreveriam a discutir a exceléncia da obra e a capacidade do Homem aqueles a quem as obras afrontam e os caracteres ofendem.

São menos do que se julga – e só parecem mais pelo ruído que fazem.

No fundo não contam, senão como estimulantes».

Respostas possíveis a hipotéticas questões

Um estudante curioso, poderá obter uma resposta semelhante a esta:

– Saiba meu jovem que Bissaya-Barreto frequentou ao mesmo tempo três Faculdades, da Universidade de Coimbra! Pois é verdade, frequentou brilhantemente os cursos de Filosofia, Matemáticas Superiores e Medicina!

– Porquê estas três áreas?

– Essa questão foi posta por Goemaere ao próprio Bissaya-Barreto, obtendo a seguinte resposta «Estudava medicina para satisfazer as tradições da minha família, a filosofia para me satisfazer a mim próprio e as matemáticas porque estava persuadido que era a engenharia a carreira que me esperava».

Deve dizer-se que a 1.^a cadeira de Matemática e as de Química Orgânica, Física, Botânica, Zoologia e Desenho da Faculdade de Filosofia constituíam preparatórios para Medicina, não se podiam matricular no 1.^º ano deste curso sem terem feito aquelas cadeiras. Era frequente alguns estudantes inscreverem-se nesses cursos, formando-se nas três áreas, como por exemplo Ângelo da Fonseca e Elísio de Moura.

– Saiba que já no liceu se inscreveu como voluntário na Escola Industrial Brotero em Física e Mecânica, tendo feito o primeiro e o segundo anos (anos lectivos de 1899-1900 e 1900-1901) e que acabado o seu curso de medicina fez o quarto ano do Magistério Secundário na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1911-1912), recém-criada.

– Sabia meu jovem que ele esteve à frente do Movimento Académico no ano escolar de 1906-1907, fazendo greve para que o ensino passasse a ser menos livresco e mais na ação e os estudantes tivessem maior empenhamento na sua própria aprendizagem?

– Este movimento foi despoletado pela reprovação por unanimidade nas provas do acto de “Conclusões Magnas” do candidato a doutor José Eugénio Dias Ferreira, na Faculdade de Direito, ocorridas nos dias 27 e 28 de Fevereiro de 1907, instalando-se de imediato a indignação na academia, que Natália Correia descreve em “A questão Académica de 1907”.

– E que ele resistiu à pressão da Universidade, que ameaçava não deixar os grevistas fazer os exames desse ano se estes não regressassem às aulas?

– Pois foi assim. Por esta pressão e dos pais que não estavam dispostos a suportar as despesas de mais um ano, dos mais de mil grevistas, somente 160 (sobre este número há discordância entre Goemaere e outros autores), não cederam, ficando conhecido este grupo pelo nome de *Os intransigentes* (na obra de Goemaere denomina-o de independentes, tradução à letra e não histórica – esclarecimento da Dr.^a Cristina Nogueira, CD-FBB) à frente dos quais se encontrava o estudante Fernando Baeta Bissaya-Barreto Rosa. Houve mudança de Reitor e esforços para que os estudantes terminassem a greve, sendo autorizados a fazer os exames, mas Bissaya-Barreto não fez a

sua candidatura, prometendo a si próprio fazer os exames desse ano em conjunto com os do ano lectivo seguinte. E, assim aconteceu, em 1908 fez exames a dobrar nas três faculdades e apesar do ambiente não lhe ser propício e haver certa má vontade da parte dos professores obteve altas classificações, sendo laureado em Filosofia e Matemática, obtendo distinção em três cadeiras de Medicina. Na sessão solene (20 de Novembro de 1908) em que os estudantes premiados receberiam das mãos do Rei D. Manuel II os prémios alcançados, levantando-se e dirigindo ao Rei para receber das suas mãos o pergaminho que certificava tal distinção, o estudante Fernando Baeta Bissaya-Barreto Rosa nunca se levantou, nas várias vezes em que o Secretário anunciou o seu nome, deixando em cada anúncio o Rei com o diploma do Prémio pendurado na mão. Foram momentos constrangedores, em que os olhares, inclusive do Governador Civil quase que suplicavam ao *intransigente* que respondesse às chamadas, e a própria filha do Governador lhe pediu que o fizesse. Este limitou-se a dizer «*Não conheço o Rei*», frase que ficou célebre, não tendo ido receber nenhum dos prémios que lhe foram atribuídos. Este episódio é muito bem descrito por Pierre Goemaere (p. 25, 1942). A imprensa dá notícia do episódio, sobretudo os jornais de cariz republicano, nos registos da Universidade não consta esta descrição e no jornal *Defesa*, num extenso artigo “A viagem do Rei”, uma simples alusão “dos estudantes republicanos nenhum foi receber o prémio” (Fundação Bissaya-Barreto, p. 30, 2008). Desta greve académica resultou um movimento académico solidário com os grevistas de outras universidades como o provam as fotografias apresentadas sob o título «A greve nas Escolas» p. 26 e 27 do livro da Fundação de 2008, registando a chegada da Comissão Académica do Porto à Estação Velha e o momento da despedida, nesta mesma estação, de um estudante de Lisboa.

— Então, Bissaya-Barreto foi um revolucionário e um republicano?

— Pode dizer-se que sim. Revolucionário nesta acepção e em sentido muito mais amplo. Estávamos no advento da implantação da República, os tempos eram agitados, os espíritos febris dos estudantes envolviam-se nos movimentos republicanos e o corpo docente, grande parte monárquico, num clima «bafiento», praticava um ensino essencialmente teórico, não descendo à prática o que lhes não agradava. O próprio Bissaya-Barreto, já na recta final do seu percurso terreno

descreve-o assim: «*Haja em vista o que se passou entre nós com a greve de 1907 de que fizemos parte e que resultou do choque entre a organização arcaica que perdurava e o sentimento duma desejaada renovação no sentido de destruir o “anquilosamento universitário”, substituindo os programas, actualizando os métodos de ensino, eliminando o bafio bolorento das instalações para dar entrada a novas ideias politico-sociais, que percorriam a Europa*» (FBB, *Bissaya-Barreto, um Homem de Causas*, Fotobiografia, p. 29, 2008). Houve também incidentes desencadeantes, como o acima descrito e orações de sapiência, certamente inflamadas, como as dos Professores Sobral Cid, Sidónio Pais e Bernardino Machado, em que se inspirou como ele próprio refere (mesma fonte). Segundo as suas palavras, inseridas nesta mesma obra e que transcrevemos, a greve valeu a pena: «*Quem conheceu a Universidade antes da modificação a que a greve de 1907 deu lugar e a conhece hoje — seja qual for a facultade — verifica a radical transformação realizada: estuda-se de outra maneira, pensa-se de maneira diferente; os professores actuam com outro interesse, criaram-se institutos novos, modificou-se a organização, enfim fez-se uma verdadeira revolução no ensino, correspondendo, vamos lá, a uma modificação parecida na mentalidade social do aluno e do professor*». Há quem cole esta greve académica ao movimento republicano, o que as palavras acima descritas não confirmam. É importante consultar a obra de Pais de Sousa (1999) sobre estas questões.

— Em relação a ser republicano, sabe-se que integrou, como Secretário, a primeira direcção do Centro Republicano Académico (CRA) que tinha como objectivo divulgar os ideais republicanos dentro da academia, por diversos meios como o jornal *Pátria*, de que era administrador, conferências, comícios e outras actividades como é próprio em momentos de convulsão política como aquele. Alguns dos sócios do CRA, e possivelmente dos seus dirigentes, tal como o nosso Homem pertenciam ao grupo dos *intransigentes* e foram eleitos para a Constituinte em 1911 (FBB, p. 30, 2008). Bissaya Barreto foi eleito deputado para essa primeira Assembleia pelo Círculo da Figueira da Foz do Distrito de Coimbra (Goemaere, p. 4, 1942).

— Foi maçom. Sempre se disse em Coimbra que Bissaya Barreto pertencia à Maçonaria. Falava-se dos maçons que havia em Coimbra, entre os quais o meu tio-avô, em

casa de quem residi quando vim estudar para Coimbra, que veio para esta Cidade na mesma época de Bissaya Barreto. Era um republicano convicto, perfilhando os ideais da Primeira República e anti-salazarista. Nunca me confirmou esta filiação, mas um dia a propósito do pagamento de umas quotas, respondeu «São de uma sociedade secreta a que pertenço». Quando lhe falava de Bissaya Barreto e do que se dizia sobre pertencer à maçonaria, deixava cair a questão. Claro nessa época estas coisas não se publicitavam. Julgo que nesses tempos recuados a Maçonaria tinha um cariz filantrópico, de benemerência e de filosofia esotérica. O meu tio-avô era também um espiritualista convicto e que tinha amigos em todos os quadrantes políticos. Respeitava muito as convicções dos outros, tanto políticas como religiosas. Pais de Sousa (1999) esclarece este assunto, mostrando até um documento de Regularização Maçónica de 1911 (em *Ortopraxis Maçónica*, p. 59 a 74), assim como o livro da FBB (2008, p 32 e 33). Segundo estes importantes livros, fica-se a saber que embora não se conheça a data exacta da sua adesão, sabe-se que com 22 anos aderiu à loja “Portugal” antes de transitar para a loja “Revolta” que se orientava para a iniciação de estudantes. Pelos registos do Grande Oriente Lusitano sabe-se que foi iniciado em 7 de Maio de 1909 (investidura no 1.º grau), que em 7 de Novembro de 1910 foi eleito delegado efectivo ao Conselho da Ordem e que em 19 de Março de 1911 lhe foi conferido o grau 5.º, segundo o rito francês. Adoptou o nome simbólico de *Saint Just* tomando parte activa na Maçonaria. Em 4 de Maio de 1913, quando detinha o grau de grande eleito escocês (grau 5.º) desliga-se formalmente do Grande Oriente Lusitano, com as suas quotas em ordem, confirmado por documento passado pela loja “Revolta”, cujas razões não são conhecidas, admitindo-se, entre outras, que talvez não fosse alheio a este acto a politização e partidarização daquela organização. Estas mesmas obras referem que pertenceu à Carbonária.

Almeida Santos na sua intervenção na Grande Homenagem Nacional prestada a Bissaya Barreto afirma-o. Na sua reportagem o Diário de Coimbra dá, à intervenção do então Presidente da Assembleia da Republica, o título de “*A árvore mais alta da floresta*” (DC, p. 4, 5, 12 de Outubro de 1997). Noutras ocasiões também reafirma o facto.

Na obra acima citada e outros escritos publicados, afirma-se que nunca abandonou os ideais maçónicos e nem regateou ajuda a maçons ou seus familiares,

quando a isso solicitado (FBB, p. 33). O escritor António Vilhena apresenta um facto, no Diário de Coimbra, sob o título «O tríplice abraço de Bissaya Barreto» que demonstra isso mesmo. Estava-se em 1950, na inauguração da Casa da Criança de Arganil a que foi dado o nome da mãe do seu fundador, Joaquina Bissaya Barreto Rosa, pelas ruas engalanadas seguia a comitiva que incluía o Ministro da Tutela, o Presidente da Câmara de Arganil, o próprio Bissaya Barreto e outras individualidades. Bissaya Barreto saiu da comitiva e dirigiu-se à Farmácia Galvão em cuja obreira estava encostado o Médico Fernando Vale, demitido dois dias antes das suas funções de médico municipal pelo “crime” de ter participado num comício de apoio à candidatura de Norton de Matos às presidenciais. Dá-lhe três calorosos abraços e volta a integrar-se calmamente na comitiva. Vilhena refere que o tríplice abraço é uma saudação maçónica usual entre irmãos da Ordem, aponta o facto para sublinhar o seu carácter. Fernando Vale nunca esqueceu este gesto e recordava-o frequentemente para exaltar a figura de Bissaya Barreto como um homem de grande dimensão ética e humana (*Diário de Coimbra*, 28 de Fevereiro de 2008).

Deve esclarecer-se que o artigo de Vilhena veio a propósito das Comemorações dos 50 anos da criação da Fundação Bissaya-Barreto (26/11/1958-2008). Ele justifica a descrição do facto assim:

«O legado mais significativo de Bissaya Barreto não são as casas, os móveis e as obras de arte, mas sim o seu património imaterial, os seus princípios de solidariedade e de fraternidade que defendeu e praticou ao longo de toda a sua vida. O tempo “esse grande escultor”, de que falava Yourcenar, ajuda a dissipar a poeira que alguns espíritos apoucados lançaram sobre o Homem que ousou defender as crianças da nossa terra. A inveja queima as mãos e não liberta, por isso, gostaria de trazer a público um acontecimento que ajuda a conhecer o carácter singular do homem que não se cansava de procurar a beleza».

Também o poema *IF* de Rudard Kipling, emblemático da ética maçónica, foi o seu guia de conduta de vida, publicou-o no Jornal “*A Saúde*”, em 1937 (FBB, p.33). A FBB relata o facto para demonstrar que 24 anos depois de se desligar da maçonaria ainda perfilhava a essência dos seus ideais. O triplo abraço a Fernando Vale é de 1950!

SE

Se podes conservar a fé, quando à tua volta
– atribuindo-te a culpa – outros mil a perderam;
Se confiando em ti próprio, aceitas sem revolta
Que duvidem de ti os que não te entenderam;

Se podes esperar, sem que te canse a espera;
Ouvir todos mentir, sem mentir como os mais;
Olhar o ódio, sem dar-te ímpetos de fera;
Ser sábio, - sem orgulho; e bom, mas não demais;

Se pensas, - sem tornar-te um frio pensador;
Se sonhas, - e não és mero escravo de ideais;
Se na derrota má, no êxito embriagador,
Medes por igual metro impostores iguais;

Se podes suportar que uma verdade erguida
A deturpem os maus para arrastar os loucos;
Se, ao veres tombado aquilo a que entregaste a vida,
Com gastos alviões reabres os seus caboucos;

Se sabes, amontoando o lucro que alcançaste,
Arriscá-lo de um golpe, olhando-o sem tremer,
Perdendo-o, - e retomando o caminho que andaste
Sem que te oiça uma queixa o que te viu perder;

Se sabes obrigar o coração e os nervos
A vibrar quando são fagulha que se esvai,
E a caminhar assim, tendo neles dois cérebros
Porque a vontade o quer, e lhes diz: - caminhai
«Caminhai!»;

Se te ouvem multidões, - sem perderes virtude;
Se privas com os reis, - sem ganhares vaidade
Se, entendendo a ilusão, - ninguém te desilude;
Se a amigo ou inimigo ouves só a verdade;

Se em cada instante dás mais um passo fecundo
Numa estrada que o Sol inundar do seu brilho,
- venceste, será teu quanto existe no mundo,
E o que vale mais, - és um homem, meu filho!

Em Goemaere (1942), tradução livre de Tomaz Ribeiro Colaço (p. 145 e 146) e em Pais de Sousa (1999) «Poema *If* de Rudyard Kipling, traduzido por Tomás Colaço e publicado no Jornal A Saúde, em Agosto de 1937, dois anos após a Maçonaria passar à clandestinidade ou triangulação (p. 65)». Segundo este autor, Bissaya Barreto considerava esta uma boa tradução e citando-o «...a melhor, sem dúvida, da meia dúzia, que há em português» (p. 71).

Goemaere refere-se a este poema, que inclusive lhe foi oferecido, descrevendo as circunstâncias em que tomou conhecimento do facto, ocorrido quando o foi visitar ao seu gabinete dos HUC e deu com os olhos nalgumas quadras emolduradas num quadro pendurado na parede do gabinete, «...são versos, são alexandrinos... Está naturalmente admirado de os ver aqui, entre tudo isto (...) mas este poema é para mim tão precioso como tudo o mais. Conhece-o certamente?» Goemaere não o conhecia e confessou a sua ignorância. O Professor, mostrando surpresa por um homem de letras não conhecer o poema, diz: «Mas é uma obra-prima! Releio-o muitas vezes, quase diariamente. Distribuo muitos exemplares pelos meus amigos para que também eles beneficiem como eu... Não, não o leia aqui. Deve lê-lo recolhidamente, quando estiver só, para lhe apanhar todo o suco e receber toda a lição. Mandar-lhe-ei amanhã um exemplar» e cumpriu.

É interessante, na década de 50/60 o *Se* foi adaptado à enfermagem e também o pendurávamos nas paredes dos gabinetes.

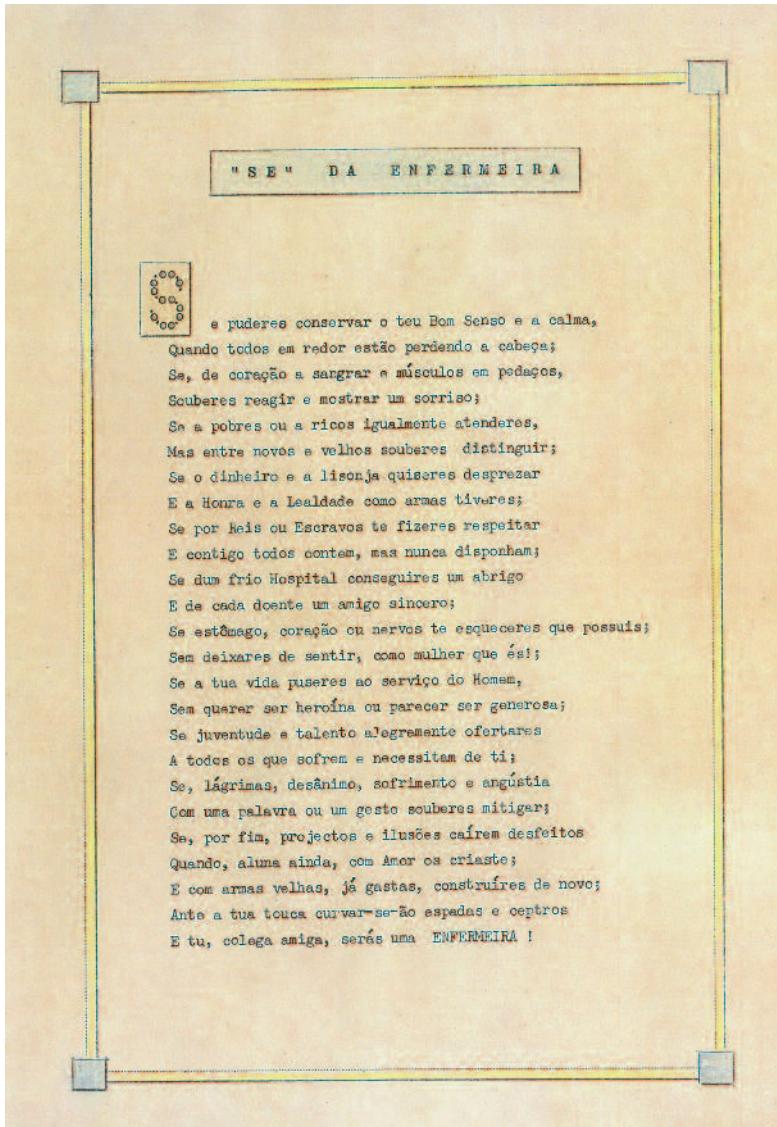


FIG 3 – O Se da Enfermeira. Gentileza da Senhora Enf. Maria Helena Correia, a quem se agradece penhoradamente.

E o estudante hipotético, continua a questionar:

- Afinal Bissaya Barreto era ou não salazarista?
- A resposta dependerá também da pessoa que lhe responder. Almeida Santos, na Grande Homenagem Nacional a Bissaya Barreto, faz uma interessante análise sobre diferenças de postura de vida destes dois homens, praticamente opostas (Diário de Coimbra de 12/10/1997 e Brochura da FBB – *Intervenções - Homenagem Nacional ao Prof. Doutor Bissaya Barreto, 11 de Outubro de 1911*).
- Se a pergunta me fosse feita a mim, responderia, convictamente, não creio. Os seus percursos de vida são muito diferentes, a começar pelas famílias

onde nasceram. Bissaya Barreto nasce numa família conceituada e que o prepara para ser um homem de ação, para muito cedo tomar conta de si. Não precisa de mendigar apoios para a sua formação académica, pode até dar-se ao luxo de ser irreverente perante o Rei, não se levantando para receber das suas mãos os prémios que conquistou. Para Salazar, a via para poder estudar foi o Seminário, que era, naqueles tempos, a que seguiam os filhos das famílias humildes. Luta consigo próprio, entre uma vocação sacerdotal mal definida e a falta de recursos para continuar os estudos. Sai do Seminário, mas para poder continuar os estudos tem que recorrer a apoios, sente-se e é

humilhado. São marcas profundas que fazem dele um homem triste, deprimido, isolado que o Médico António Trabulo (2004), em *O Diário de Salazar*, uma obra de ficção com base histórica, nos apresenta. Este autor serve-se dos escritos que o estadista deixou e de passagens dos seus discursos, entrevistas e declarações que proferiu ao longo da vida, dá-lhes uma sequência lógica, em jeito de diário. Em contextos reconstruídos, truncados ou inventados vai inserindo citações (a itálico) de Salazar, tentando não falsear o essencial do conteúdo, como afirma. Bissaya Barreto é referido por Salazar como um dos seus amigos, embora com orientação política diferente de si e dos outros que foi seleccionando e que lhe servirão de apoio, algum dia (texto reconstruído, localizado em 1914, p. 34). Mais adiante, a propósito do contacto de Duarte Pacheco para o persuadir a aceitar a pasta de Ministro das Finanças, escreve: *Hesitei e aconselhei-me com os amigos de sempre: Manuel Cerejeira, Mário de Figueiredo e Bissaya Barreto. Todos me disseram que aceitasse...* (citação a itálico, ou seja do próprio estadista, localizado em 15/04/1928. Na página 88, 16/10/1932 há uma citação de Salazar, em contexto reconstruído ou inventado, que mais uma vez inclui Bissaya Barreto: «Escolhi há muito um grupo de pessoas sensatas que sabem que, quanto mais livremente me falarem, mais me agradam. São livres de me dizerem a verdade do que lhes perguntar. Interrogo-as sobre tudo, ouço as suas opiniões e decido baseado nelas, mas sempre por mim e à minha maneira. *Contam-se entre elas Serras e Silva, Diogo Pacheco de Amorim, José Nosolini, os irmãos Diniz da Fonseca, Bissaya Barreto e naturalmente Manuel Cerejeira.*» A partir daqui não há referências a Bissaya Barreto.

É interessante que, admitindo que Bissaya Barreto tem ideias políticas diferentes das suas e dos outros que foi seleccionando como Amigos, o coloque neste rol, deixando antever, no primeiro relato, um móbil algo interesseiro.

Diz-se que os Pais não se escolhem enquanto os amigos sim. As bases espirituais em que fui alicerçando a minha vida levam a que discordo desta postura. A família em que nascemos biologicamente ou por adopção não pode ser uma fatalidade imposta, nem a filhos nem a pais, senão onde estaria o livro arbitrio! É, possivelmente, a que convém ao projecto evolutivo de ambas as partes. No nosso percurso terreno vamos encontrando pessoas, a que chamamos opositores,

que nalguns casos nos espelham o que rejeitamos em nós próprios, que nos fazem estar vigilantes sobre as nossas condutas e, assim, nos prestam um serviço de valor incalculável, evitando-nos quedas e arranhões, pelas reflexões que nos proporcionam. Por vezes, há uma mútua rejeição, mas no fundo dos nossos seres, sabemos que há algo que nos une, há laços profundos, que não nos deixam ser indiferentes e que não é por acaso que nos cruzamos nos caminhos da vida. Outras pessoas aquecem as nossas almas, é nos seus regaços que poísmos a nossa cabeça cansada, ou sabemos que em momentos difíceis podemos contar com a sua ajuda, com os seus ouvidos e atenções. Numa volta do caminho ou a partir de um qualquer inusitado acontecimento criou-se um laço afectivo que se foi fortalecendo ao longo do percurso ou enfraquecendo (talvez porque se torne desnecessário). No caso, o serem contemporâneos em Coimbra, a doença da mãe de Salazar parecem ter sido marcantes. Em seres de elevado nível espiritual, como creio que foi Bissaya Barreto, as convicções e opções de vida, políticas, religiosas ou outras respeitam-se, podem emitir opinião sincera e honesta, se lha pedirem, mas sabem que a decisão não lhes pertence, caso contrário tomariam responsabilidades que não são suas. Depois Bissaya Barreto era um homem de missão, para realizar o seu projecto, a sua obra Médico-Social precisava de recursos e o GPS do Universo pôs-lhos ao alcance. Por outro lado, um governo com um mínimo de sensatez e de inteligência não poderia deixar de apoiar projectos de que o estado tão deplorável do País, como o daqueles tempos conturbados dos finais da primeira República, precisava como pão para a boca de famintos, tanto mais que conhecendo o saber e a persistência do Homem que os propunha não duvidava que seriam realizados. Depois a obra tornou-se imparável e é o próprio governo que solicita os serviços de Bissaya Barreto, como no caso da Assistência aos Loucos e consequente criação do Hospital Psiquiátrico Sobral Cid, o primeiro, depois o do Lorbão, a Colónia Agrícola de Arnes e Dispensário de Saúde Mental. Goemaere relata o facto, e a não-aceitação de tal incumbência, mesmo intervindo Salazar, que não o demove. Só aceita quando o Ministro das Obras Públicas Eng. Duarte Pacheco o chama ao seu gabinete e o “encosta à parede”: «... Não haverá por consequência neste distrito assistência aos loucos, que assim continuarão ao abandono. Nenhuma responsabilidade podem ser atribuídas a

V. Ex.^a sobre este estado de coisas, mas a verdade é que, esta situação lamentável não se criaria, se V. Ex.^a nos quisesse prestar este serviço» (p.64 a 75).

Bissaya Barreto deu-nos bons testemunhos da sua fidelidade aos Amigos, qualquer que fosse o seu quadrante político, mesmo que ficasse sob vigilância da PIDE, o que ocorreu a partir de 1939. Já foi referido o triplô abraço a Fernando Vale, mas é também conhecida a sua amizade com o Capitão Henrique Galvão, que traduziu o livro de Goemaere e mais tarde (1950) é da sua responsabilidade o texto que serviu de base à alocução do filme *Rumo à Vida: A Obra de Assistência na Beira Litoral* bem como preparou o argumento deste documento histórico sobre a obra social da JPBL, estando já em conflito com o regime (Pais de Sousa, 1999, p. 207). Pais de Sousa, a propósito do julgamento e prisão em Caxias do Capitão Henrique Galvão, relata que quando este entrou em greve de fome, Vasco da Gama Fernandes telefonou ao Prof. Bissaya Barreto a contar-lhe o estado em que ele se encontrava, pedindo-lhe para fazer algo a fim de evitar um desfecho trágico. A este pedido o Professor respondeu que ia ver o que podia fazer, mas lhe parecia poder fazer pouco... O que é certo é que no dia seguinte o preso foi transferido para o Hospital Miguel Bombarda e daí para o Hospital de Santa Maria, de onde se evadiu para a clandestinidade. Pelo relato deste autor percebe-se que Bissaya Barreto colaborou na fuga indirectamente, criando as condições para que esta se desse, o que este não comprovou, pelas suas pesquisas documentais, é a sua colaboração directa no acto, usando o seu estatuto de médico, como se diz - em que Henrique Galvão teria saído do Hospital de Santa Maria de braço dado com o Professor (1999, p. 220).

É imprescindível consultar Pais de Sousa (1999) sobre esta problemática, pois mostra-nos, bem documentado, o percurso político de Bissaya Barreto, inclusive transcreve textos da sua autoria como o de Auto-Interpretação Política (tirado de Subsídios para a História, 2.^a ed., 1961, Vol. VI, p 41-42), o Discurso de Compromisso e de Adesão à União Nacional, em que se afirma republicano de sempre e se percebe um certo desencanto e preocupação com o estado do País «Somos republicanos de sempre e estamos aqui com a certeza que a República entrou já definitivamente na alma e no coração do Povo; ...com a certeza que a República é uma verdade indestrutível em Portugal» e mais abaixo «Aqui estamos dispostos a colaborar na obra de pacificação da Família Portuguesa, que

é preciso realizar, mais do que nunca, para bem de todos nós, é urgente pôr fim a este ciclo de revoluções» e «Vimos dos partidos, onde trabalhámos com Fé e Dedicação, por uma República Tolerante e progressiva que satisfizesse as necessidades da Nação (...) conseguir uma República para todos os portugueses, que lhes possa proporcionar o maior número de satisfações morais e materiais, fazer uma República que, integrada no Mundo moderno, resolva os problemas de ordem social, económica e financeira de que depende o futuro e a glória da nossa Terra» O terceiro documento transcrito, «A República Corporativa», mostra-nos a sua concepção de Corporativismo, em que não se deve confundir corporação com profissão. (Documentos publicados no Diário de Coimbra, n.^o 555 - 21 de Dez. 1931, p. 1 e 4 e n.^o 2174 – 4 de Mar. 1937, p 1 e 2).

Bissaya-Barreto Deputado

O jovem estudante já convicto de que Bissaya-Barreto foi um revolucionário, um republicano, um maçom e que foi eleito pelo Círculo da Figueira da Foz para A Constituinte, deve estar a fervilhar de curiosidade e a interrogar-se se seguiu uma carreira política.

— De facto foi deputado durante três anos, tempo suficiente para ficar vacinado, voltar para Coimbra e dedicar-se à Carreira Académica, à Medicina e Cirurgia e a construir a obra médico-social que nos legou, não aceitando qualquer convite para honrosos cargos governamentais. Goemaere, Santos Bessa (Revista da FBB, vol. 1, n.^o 2, p. 11 1986) e outros referem que durante a estada em Lisboa repartia o seu tempo entre a Assembleia da República (de tarde) e as aulas de Cirurgia dos Prof. Custódio Cabeça e Francisco Gentil, na Faculdade de Medicina de Lisboa e o Hospital de Santa Marta (de manhã). Mas nada melhor do que transcrever o que ele próprio respondeu a Goemaere, sobre este assunto.

«Foi uma fase penosa pela soma de decepções e desencantamentos que encontrei nesse mundo em que o idealismo da minha adolescência me tinha lançado... Idealismo, sim, é a palavra justa porque, realmente, não passava de um idealista das minhas ideias republicanas e sociais. Foi a época em que tive o desgosto de aprender que na vida política praticada pela maior parte dos homens a que chamam de «carreira», tudo é

diferente e até oposto do que eu tinha imaginado nas minhas concepções de rapaz. Foi a época em que tive de aprender que a característica desses homens era, precisamente, não terem carreira, no sentido nobre da palavra, nem zelo ou dedicação senão pelos seus interesses e pelas suas paixões. Desta forma só tinha um caminho a seguir: ir-me embora e continuar em Coimbra a minha educação científica e prática de cirurgião. Sentia que aí, pelo menos, não se perderia a minha actividade e poderia ser útil à sociedade o meu concurso» (p. 49-50).

Não duvido que alguns leitores pensem: «palavras de 1942 que retratam a postura de muitos políticos (ou que vivem da política ou à sombra dos políticos) de 2010».

A tese “O Sol, em Cirurgia”

Enjoadado, desencantado com a política, desiste dessa carreira, pois nas suas próprias palavras só tinha um caminho a seguir, vir-se embora e continuar a sua educação científica e prática de cirurgião, e assim fez. Chegado a Coimbra, tenta pôr em prática o que tinha aprendido em Lisboa, e dá início aos estudos para a sua tese para 1.º Assistente, “O Sol, em Cirurgia” em que procurou demonstrar o poder curativo do Sol, tão importante num tempo em que os antibióticos não existiam. Defende-a em 30 de Junho de 1915, obtendo a máxima classificação. Goemaere, em nota de rodapé, dá-nos um relato muito interessante do acontecimento:

Esta tese (...), reflectia também, e com sensacional ousadia, o seu espírito perfeitamente inimigo contra as noções teóricas e as concepções livrescas, resolutamente decidido a libertar-se da ciência oficial e dos caminhos já trilhados. Editada sob o título «O Sol em Cirurgia», era obra de inovador, quase de revolucionário, não só pelas concepções pessoais (...) mas também, e sobretudo, pela orientação essencialmente experimental. Com efeito, nesta época em que a helioterapia era ainda quase ignorada nos centros médicos, o nosso candidato demonstrava com o exemplo de tratamento que tinha ousado aplicar e *de sua própria inspiração*, a virtude dos raios solares sobre uma série de doentes por ele curados de cicatrizações rebeldes, atrofias musculares, tuberculose cutânea, etc.

Foi uma bomba que caiu entre os «caros colegas» cujas concepções terapêuticas de então ainda não iam além do quadro convencional do «que já tinha sido feito» e cujos sarcasmos caíram sobre o audacioso que se atrevia a tratar doentes «como roupa posta ao sol».

A *Gazeta de Coimbra* (n.º 411, 3 de Julho 1915), dá a notícia das provas do Dr. Bissaya-Barreto, transcrita na obra da FBB, p. 43, 2008 «...tais foram elas, que o distinto mestre e clínico Dr. Daniel de Matos disse que se pudesse conferia-lhe mais de 20 valores ...

Em Setembro desse mesmo ano é nomeado 1.º Assistente definitivo, em 1916 Professor Extraordinário para logo em 1918 ser nomeado Professor Ordinário, alcançando o grau mais elevado, Professor Catedrático de Clínica Cirúrgica, em 1942. Também Director do Serviço de Clínica Cirúrgica dos HUC.

Não resisto à tentação de descrever a natureza e dureza destas provas e sobre a própria tese, baseandome em Pais de Sousa (1999, p. 103-104), e que emocionada constatei ao folhear *O Sol: em Cirurgia* e os manuscritos escritos e corrigidos pelo seu autor. De acordo com a reforma do ensino de Medicina, do Governo Provisório da República—da responsabilidade de António José d' Almeida, as provas constavam de três partes:

1. Apresentação de uma dissertação original;
2. Provas práticas, durante as quais o júri podia interrogar o candidato;
3. Uma lição, cujo tema era escolhido pelo candidato e incluía demonstração.

As provas estenderam-se por dezassete dias e foram calendarizadas assim:

- 14 de Junho – Argumentação na Sala dos Actos Grandes da UC da sua dissertação.
18 de Junho – Prova prática de laboratório ou análise química, nos laboratórios da Faculdade de Medicina (FM).
19 de Junho – Discussão do relatório dessa prova.
21 de Junho – Autópsia de carácter anatomo-patológico-microscópico, no teatro anatómico da FM.
22, 23, 24, 25 e 26 de Junho – Prova clínica, com discussão, nos HUC.
30 de Junho – Lição clínica livre, nos HUC.
Só em 18 de Junho deste ano me foi possível visitar o Centro de Documentação Bissaya Barreto, como tinha acordado com Viriato Namora, aquando do nosso encontro.

Fui gentilmente recebida pela Dr.^a Cristina Nogueira, que de imediato se dispôs a ajudar-me no que necessitasse. Mais do que isso, estimulou-me a prosseguir com este trabalho. São pessoas como ela, com espírito de “Serviço”, que contribuem para que as instituições marquem a diferença. Claro que a minha prioridade era a tese do Professor *O Sol em Cirurgia* e saber como a podia consultar. A resposta foi tê-la nas mãos, de imediato. Senti quase um choque emocional quando me apresentou a volumosa tese (716 páginas). Pela imagem publicada na obra da FBB *Bissaya-Barreto, Um Homem de Causas* construi a ideia que se tratava de um livro de média dimensão e pouco volumoso. A segunda surpresa foi o seu conteúdo. Inicia-se por uma explanação sobre o Sol, em várias civilizações, o lugar central do Sol ou modelo de luz, as radiações sob o ponto de vista físico-químico, os efeitos dos raios solares sobre os animais, as plantas e sobre o homem a três níveis das suas propriedades: fisiológicas, patológicas e terapêuticas. Neste enquadramento teórico não falta o estudo das condições locais, em relação a dias de sol, luminosidade, condições higrométricas... concluindo que há condições propícias para a helioterapia. A helioterapia, suas vantagens, quando correctamente utilizada, regras a que deve obedecer o Banho de Sol e critérios para a criação de solários, anexos à Secção de Cirurgia dos HUC.

Tendo como lema o pensamento de Parès: «*Science sans expérience, n' apporte pas grande assurance*»/ Ciência sem experiência, não assegura grande confiança (Trad. de Henrique Galvão, Goemaere, 1942, p. 53), apresenta o seu trabalho experimental, com 127 casos observados, tratados e documentados com fotografias antes e após o tratamento, além da descrição de cada caso, do respectivo tratamento, evolução e resultado final. Pela observação das fotografias conclui que eram casos em estado de extrema gravidade de osteites, artrites, abcessos ossifluentes, situações multifistuladas, lesões cutâneas tuberculosas, mal de Pott...

Emocionante foi também tomar contacto com o documento manuscrito pelo próprio autor, visualizá-lo a revê-lo, corrigindo aqui e ali, deixando as marcas dessa revisão nas emendas feitas. Não está completo, mas há ainda a esperança de recuperar as secções em falta, porventura misturadas em documentos ainda não tratados.

A par deste manuscrito, muitos outros, assim como várias obras publicadas da autoria de Bissaya Barreto

ou de parceria com outros, revistas e jornais, para mim de consulta obrigatória. À saída via-me já a consultar aqueles documentos amarelecidos, com o fascínio que estes sempre despertaram em mim. Voltei em 1, 2 e 9 de Julho, tentando absorver a energia que aqueles documentos emanam. Na bagagem mais um manancial informativo, o livro de Jorge Pais de Sousa - *Bissaya Barreto – Ordem e Progresso* (1999), cuja compra engloba o DVD, com o filme - *Rumo à Vida: Obra de Assistência na Beira Litoral* (1950), já referido neste apontamento. Tive sorte, pois era o único conjunto disponível para venda.

A propósito deste filme e do humor do Professor Bissaya Barreto, o Sr. Marques da Costa contou-me o seguinte episódio: O Sr. Professor foi convidado a participar num Congresso, na qualidade de Presidente da Junta. Gostava de ir bem documentado, por isso mandou fazer um filme sobre a obra assistencial da Junta. Veio uma equipa de Lisboa, que alojou no Hotel Astória. Como de seu timbre, era atencioso e preocupava-se com o bem-estar de quem lhe prestava um serviço. Ele próprio ia saber se tudo estava a contento. A actriz, um pouco travessa: «O Sr. Professor é solteiro, é uma pena, podia fazer uma mulher feliz!» Resposta rápida: «Podia fazer uma mulher feliz, assim faço muitas!» Julgo tratar-se do filme do DVD supra citado, mas não encontrei referência que fosse feito especificamente para o tal congresso. No filme intervêm personagens do contexto real, colaboradores ou beneficiários, com excepção da actriz Helena Félix e da equipa técnica: Henrique Galvão (texto), João Mendes (Realização), Felipe de Solms e Ricardo Malheiro (Produção), Pedro Moutinho (Locução), Perdigão Queiroga (Fotografia). Em relação a esta equipa há congruência entre o que me contou o meu entrevistado e a ficha técnica do filme.

Um olhar atento sobre as suas obras permite afirmar que nunca abandonou a crença no poder curativo do Sol, do ar puro, da força da natureza, ou não fosse um homem marcado pela montanha. A atestá-lo lá estão os preventórios, a Colónia Balnear da Figueira da Foz e de meia altitude «Ar e Sol» de Vila Pouca da Beira, perto de Galizes, as galerias, os solários e jardins e o Centro Ortopédico e de Recuperação Heliomarítimo da Gala pronto a entrar em funcionamento, quando nele se instalou, depois do 25 de Abril, o Hospital Distrital da Figueira da Foz. Tendo por fundamento Santos Bessa, a Figueira da Foz não ganhou com esta

ocupação. São suas as palavras transcritas a seguir, referindo-se ao Centro Ortopédico e de Recuperação da Gala – Figueira da Foz «...por via duma decisão infeliz, foi designado Hospital Distrital daquela cidade, com manifesto prejuízo para a Figueira da Foz e para as necessidades ortopédicas do País. A cidade ficou sem um hospital, já então previsto e a que tinha direito e o País sem um excelente Hospital de Traumatologia e Ortopedia de que tanto carece» (in Rev. FBB, p.19, 1986).

Entre os documentos, consultados no Centro de Documentação Bissaya Barreto, há um sobre medicina social que atesta esta sua convicção: «As raparigas que vêm do campo, recebendo os benefícios do sol, do ar puro, e chegam à cidade, ficam em habitações bafientas, o seu organismo ressentente-se e adoecem».

Voltando às questões do nosso hipotético estudante.

– E os slogans? Seria interessante falar deles.

– Os slogans são ideias-força mobilizadoras de energia criadora capaz de as materializar em obras tão belas quanto úteis. Algumas destas ideias são emblemáticas e citadas em várias fontes escritas. Indiscutivelmente ligadas a obras de vulto, como as seguintes:

– Roubar à morte os Pequenitos.

– Façamos felizes as crianças da nossa Terra;

– Pelos tuberculosos, contra a tuberculose;

– Pelos leprosos, contra a lepra;

– Vale mais prevenir do que tratar;

– Quem acode aos nossos loucos.

A primeira, encerra um objectivo perante a inquietação que a taxa de mortalidade infantil certamente despertou, ela está imbricada nas que se lhe seguem. A segunda, além de um objectivo é um lema de conduta. Foram os motores impulsionadores da obra a que denominou de Protecção à Grávida e Defesa da Criança, justificada pela:

– A mulher-mãe tem direito a todos os sacrifícios.

Mas também da luta anti-tuberculosa de que nasceram os preventórios, os dispensários e os sanatórios e o combate à lepra, de que é expoente a Leprosaria -Colónia Agrícola Rovisco Pais: Hospital, Creche e Preventório, Brigadas móveis e o Centro de Reabilitação de Espariz, bem como nasceram os Estabelecimentos Psiquiátricos, já referidos.

Justifica a sua própria postura de vida e lança desafios à cooperação em:

– O meu lugar é onde os outros não querem que esteja;

– Voto tudo e contra tudo e contra todos que façam

diminuir a assistência e o carinho que devemos às nossas crianças;

– A defesa da criança é campo neutro, é terra de ninguém, onde todos se podem encontrar dando as mãos.

Depois expressa lemas de conduta para quem cuida das crianças:

– Nunca se perde tempo quando se olha para uma criança;

– Brincar é para a criança a coisa mais importante da vida;

– O sono brincou tanto, que adormeceu sorrindo. A que se segue é precursora da chamada “terapia dos zigomáticos”, ou terapia do riso:

– Se não sabes rir, ri assim mesmo.

E, é lema de vida:

– Se não és feliz com o que tens, como serias se tivesses mais.

Como se deixou antever, numa análise simplista, cada Slogan é muito mais que uma frase, um chavão. Encerra conhecimento filosófico e científico na área da medicina, da pedagogia, da sociologia... e revela a inquietação, a filosofia de vida de quem as proferiu. Há outras que são gritos de dor, apelos de mobilização social perante crimes eminentes como os já apresentados: *Aqui d' El Rei...*

Devo dizer que algumas destas frases legendárias ilustram as paredes do Ninho dos Pequenitos, outras foram-me fornecidas pela Senhora D. Alice Marques, Educadora no Centro Materno-Infantil Bissaya Barreto, tiradas do seu caderno de notas, a quem muito agradeço.



FIG. 4 – Bissaya Barreto e suas crianças no Ninho do Pequenitos aquando de uma visita do Secretário de Estado da Saúde. Gentileza da Sra. Enfermeira Maria Guiomar Jorge, a quem se agradece penhoradamente.

Não há espaço, para analisar, como gostaria, as suas respostas repentinhas, o seu humor contundente, tantas outras facetas deste Homem grande de bem (Freire, 1950) e muito menos a sua obra. Esta ficará para um próximo apontamento.

Conclusão

A partir de experiências de vida, daquilo que testemunhei desde que cheguei a Coimbra (1950) e a adoptei como “A minha Cidade” e de algumas “preciosidades”, coligidas durante estes sessenta anos, foi possível começar a puxar o fio, tal fio de Ariane, e embrenhar-me no labirinto que me levaria a conhecer um pouco melhor a figura, algo enigmática, de Bissaya Barreto, e, por isso mesmo, o fascínio de descobri-la. Em cada encruzilhada do labirinto, o fio, talvez conduzido pelo GPS do Universo, conduzia-me à boa saída, a prosseguir no bom caminho. O caderno de notas foi-se enchendo e houve que adquirir um outro. O entusiasmo inicial foi-se retroalimentando pelos importantes contributos de tantas pessoas que encontrei no caminho, a que estou imensamente grata.

Neste momento, não sei bem onde será o porto de chegada, sei, isso sim, que tenho ânimo para continuar o percurso encetado em 20 de Março deste ano.

Gostaria de ter tido condições de trabalhar melhor este texto, limpando-o do supérfluo, estruturando melhor a sequência do conteúdo. Paciência! Problemas de saúde, meus e de familiares, foram e são pedregulhos no percurso.

Proponho-me continuar com um outro apontamento na *Referência* (já meio elaborado) sobre a obra gigantesca que Bissaya Barreto nos legou e para a qual trabalhou uma vida inteira, mas que daria para muitas vidas, mesmo para superdotados. É certo que na história do nosso Mundo muitos Homens trabalharam toda a sua vida para legar à Humanidade uma obra cujo ensinamento científico ou filosófico atravessou os séculos. Bissaya Barreto concebeu e realizou várias obras, com múltiplas faces e nenhuma delas pela “rama”.

Em jeito de homenagem ao seu amigo e colaborador Santos Bessa, que nos legou um importante estudo sobre o Homem e a sua Obra, fecha-se este apontamento com o perfil por ele traçado:

Estimou sempre quantos o serviram dedicadamente.

Corajoso, audaz, impetuoso, ao mesmo tempo afoito e prudente, rijo e suave.

Tinha alma nobre e um coração generoso.

Conciliava em si a democracia e a aristocracia. Aristocrata de educação e de distinção, de elegância de atitudes e de pureza de linguagem.

Chistoso e mordaz – duma mordacidade ora delicada e suave ora duramente cáustica (Revista FBB, 1986).

Referências bibliográficas

BESSA, José dos Santos – A Obra Social do Doutor Bissaya Barreto, Revista da Fundação Bissaya-Barreto, vol.1, N.º 1, p. 9-13, Janeiro de 1986.

BESSA, José dos Santos – A Vida e a Obra do Professor Bissaya Barreto, A Casa Museu e o Prémio de Medicina Social, Revista da Fundação Bissaya-Barreto, vol.1, N.º 2, p.7-25, Dezembro de 1986.

BISSAYA-BARRETO – Coimbra e os seus Hospitais. Coimbra: Composição e impressão Coimbra Editora, 1967 (Inclui carta de Carneiro da Silva ao Director do DC).

CABRITA, Silvério – Conferência Inaugural da Exposição sobre a Obra Social de Bissaya Barreto, Revista da Fundação Bissaya Barreto, vol.1, N.º 1, p.38-39, Janeiro de 1986.

CORREIA, Natália – A Questão Académica de 1907 (Prefácio de Mário Braga). Ed. Minotauro, 1962.

CASSIANO BRANCO (Texto) – Portugal dos Pequenitos (Casa de Coimbra). Junta de Província da Beira Litoral, s/d. Cassiano Branco foi o arquitecto desta obra.

(A par dum a introdução de cariz histórico, descreve e deixa dados históricos sobre os monumentos da cidade. Adverte que não deve ser considerada um museu de miniaturas arquitectónicas. Esse julgamento limitaria demasiado a inteligência e cultura dos que tal considerassem, por não se terem apercebido da feição pedagógica desta obra, inspirada nos métodos preconizados e defendidos pelos maiores pedagogos, como Pestalozzi, Fröbel, Montessori e outros. Foi executada com o objectivo de ensinar a criança, recriando-a. “O Portugal dos Pequenitos” é uma biblioteca para crianças para ser lida por todos os sentidos e a Casa de Coimbra um dos seus livros...).

CASTRO, Manuel Chaves (Organização da publicação) – Delegação do Instituto Maternal – Zona Centro. Novas Instalações Quinta da Rainha – Coimbra. Comissão Instaladora.

COSTA, António Neves – Portugal dos Pequenitos, Revista da Fundação Bissaya-Barreto, vol.1, N.º 1, p.69-74, Janeiro de 1986.

DÍARIO DE COIMBRA – A Grande Homenagem Nacional a Bissaya-Barreto (incluir excertos de Almeida Santos, principal orador; Rui de Alarcão, Reitor da Universidade de Coimbra; Viegas do Nascimento, Presidente da FBB e Manuel Machado, Presidente da CMC – DC de 12 de Outubro de 1997 (p. 1, 3 e 4)).

FUNDAÇÃO BISSAYA-BARRETO – Fundação Bissaya-Barreto, 50 Anos. Coimbra: Edição da Fundação Bissaya-Barreto, 2007.

FUNDAÇÃO BISSAYA-BARRETO – Bissaya-Barreto, Um Homem de Causas. Coimbra: Edição da Fundação Bissaya-Barreto, 2008.

FUNDAÇÃO BISSAYA-BARRETO – Portugal dos Pequenitos. Ed. Fundação Bissaya-Barreto, 1966 (Inclui depoimentos de visitantes).

Gazeta de Coimbra – Dr. Bissaia Barreto, N.º 411, Ano V, Sábado, 3/07/1915, p. 2.

GOEMAERE, Pierre – Bissaya Barreto (col. Os Grandes Contemporâneos). Coimbra: Ed. Casa das Beiras (Tradução Henrique Galvão), 1942.

HOSPITAL SOBRAL CID – Inclui resenha história e slogan do professor Bissaya-Barreto «Quem acode aos nossos loucos! Nos jornais e Coimbra Médica. Nasceu em 1 de Junho de 1945, sendo dotado de personalidade jurídica, autonomia administrativa e financeira pelo Decreto Lei n.º 34.547 de 28 de Abril de 1945. É do tipo Hospital Asilo Colónia Agrícola (Notícia histórica extraída do 1.º livro editado em 1958), Maio, 1984.

JORGE, Maria Guiomar – Lição de Abertura das IX Jornadas de Perinatalogia da Maternidade Bissaya-Barreto (doc. não publicado), s/data.

LIMA, J Costa (Texto) – Portugal dos Pequenitos, 2.ª ed. Coimbra: Fundação Bissaya-Barreto, 1965 (10\$00).

(Em discurso inflamado, a introdução faz pensar em críticas destrutivas: «...pautamos a nossa crítica pela objectividade, dentro dos princípios da justiça e da equidade, sem nos torcerem simpatias, nem acobardarem estímas, favores ou ameaças que são até maior força para pleitearmos lealmente pela verdade e pelo bem. Não nos intoxica a mesquinhos da aceitação de pessoas, como nada mais nos repugna que a falta de carácter e de lógica... Assim como reparamos no mal e deficiências para corrigi-los em perfeições de latitudes infinitas, também admiramos e exaltamos todo o bem sem o afogar em reticências deprimentes ou silêncios calculados e inimigos...»).

MOURA, Horácio – A Fundação Bissaya-Barreto, Revista da Fundação Bissaya- Barreto, vol.1, N.º 1, p.17- 60, Janeiro de 1986.

MOURA, Horácio – A Vida da Fundação Bissaya-Barreto (Coordenação e notas de reportagem) Revista da Fundação Bissaya Barreto, vol.1, N.º 2, p.27- 71, Dezembro de 1986.

MOURA, Horácio – Liga dos Amigos da Fundação Bissaya-Barreto, Revista da Fundação Bissaya-Barreto, vol.1, N.º 2, p.73-77, Dezembro de 1986.

MOURA, Horácio – Visita da Ministra da Saúde à Fundação Bissaya-Barreto (Notas de reportagem) Revista da Fundação Bissaya Barreto, vol.1, N.º 2, p.79-84, Dezembro de 1986.

MOURA, Horácio – O que diz a Comunicação Social (Notas de reportagem) Revista da Fundação Bissaya Barreto, vol.1, N.º 2, p.89-95, Dezembro de 1986.

NAMORA, Viriato – Bissaya Barreto: o Homem e a Obra. Coimbra: Fundação Bissaya Barreto, 1997 (por ocasião da Homenagem Nacional em 11 de Outubro de 1997).

NAMORA, Viriato – Bastal!, Diário de Coimbra, 5/08/1997, rectificado em 6/08/1997.

NASCIMENTO, Nuno Gaspar Viegas – Casa Museu Bissaya Barreto Revista da Fundação Bissaya-Barreto, vol.1, N.º 1, p.15-16, Janeiro de 1986.

PAIS DE SOUSA, Jorge – Bissaya Barreto - Ordem e progresso. Coimbra: Livraria Minerva Editora.

PORUTGAL DOS PEQUENITOS – Museu da Criança. Não indica o Autor do texto nem o editor, nem a data. Contracapa, em letra minúscula, muito discreto Lito Of. Artistas Reunidos Porto (Fecha com versos de Goldoni «Amai tudo quanto é velho/os Amigos velhos, do tempo/antigo os velhos costumes, os livros velhos, o vinho velho/...»).

ROCHA JÚNIOR (texto) – Portugal dos Pequenitos: Um País de Conto de Fadas (Transcrito do Diário de Notícias de 10/10/1939), N/indica quem edita. Preço 7\$50 a favor do Portugal dos Pequenitos (contém depoimentos de visitantes).

SALGUEIRO, Nídia – Lar das Alunas Enfermeiras de Coimbra: Revista Referência, n.º 12, 2004.

TRABULO, António – O Diário de Salazar, 5.ª ed. (Ficção com base histórica, a partir do Arquivo Salazar da Biblioteca Nacional. Prefácio de Fernando Dacosta). Lisboa: Parceria A. M. Pereira, Livraria editora, Lda, 2004.

VILHENA, António - O tríplice abraço, Diário de Coimbra, 28 de Fevereiro de 2008

Consultas a Centros de Documentação:

ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM DE COIMBRA:

Livros de Actas dos Conselhos Escolares da Escola de Enfermagem dos Hospitais da Universidade de Coimbra, de 1920 a 1931; Livros de Actas da Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca, de 1931 a 1956.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO BISSAYA-BARRETO

Bissaya-Barreto:

- Diversos manuscritos;
- O Sol em Cirurgia;
- Subsídios para a História;
- Uma Obra Social realizada em Coimbra;
- Revista Saúde, Revistas da FBB, Jornais;
- Acerbo fotográfico, etc.

Ângelo da Fonseca e Bissaya-Barreto – Arquivos das Clínicas Cirúrgicas (1928 a 1942).